

O LUGAR DA “GERAÇÃO DE 45” NA MODERNIDADE POÉTICA BRASILEIRA: A POESIA DE RENATA PALLOTTINI

GABRIELA STÉFANIE FERREIRA DUARTE¹; ANDREA CZARNOBAY PERROT²

¹ Universidade Federal de Pelotas – gabrielasfduarte@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – andrea.perrot.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A chamada "Geração de 45" foi composta por um grupo de poetas que propôs, entre outros princípios, a retomada do rigor formal, numa virada à contramão do que pregou a estética modernista imediatamente anterior.

Esses poetas possuem entre si uma característica comum: o objetivo de transcender/superar a revolta dos poetas de 1920 e 1930. No entanto, procuram atingir seu objetivo não com fórmulas revolucionárias, mas, pelo contrário, tratando as antigas formas (de antes de 22) como modelo para receber um conteúdo moderno e novo, influenciado pela Segunda Guerra Mundial, que se fez sentir no Brasil (e na Geração de 45, com maior intensidade do que a Primeira Guerra Mundial influenciou a geração de 22). Esta nova geração funda-se na recuperação de antigas estruturas e no comedimento.

Foram dois críticos os que identificaram primeiramente os novos rumos que a poesia brasileira vinha tomando a partir de 1945: Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet. Ambos, contrapondo a poética do Modernismo à poética da Geração de 45, empregaram os termos neomodernista e antimodernista, respectivamente, para caracterizarem a poética dos novos poetas. Mais tarde, surgem também os termos neoclássicos, neoparnasianos e neo-simbolistas para os caracterizarem.

Em 1952, numa série de quatro artigos ("A Geração de 45"), João Cabral de Melo Neto, também pertencente a essa geração – ao menos cronologicamente -, deu unidade conceitual às opiniões isoladas dos críticos que encontraram, em alguns livros de poemas publicados em 1944 e 1945, mudanças de ordem estética em relação à poesia moderna de 1922

Foi, então, como mudanças estéticas "no curso da poesia moderna de 22" que as primeiras críticas sobre a Geração de 45 interpretaram a 'nova poesia' que estava surgindo no cenário da literatura brasileira. João Cabral, porém, foi o primeiro a dar unidade conceitual às críticas dispersas sobre essa 'nova poesia', sendo o autor responsável pela primeira análise sistemática do significado histórico da Geração de 45. Entre os críticos, fortalecia-se o ponto de vista de que esses autores jovens selavam a reconciliação do passado renegado de 22 com as conquistas revolucionárias do próprio modernismo.

Alfredo Bosi afirma:

[...] nos vultos centrais da década de 30, as cadências intimistas se resolviam amiúde em metros e em formas tradicionais (decassílabo, redondilha maior; soneto, elegia, ode...). A reelaboração de ritmos antigos e a maior disciplina formal nada continham, porém, de polêmico em relação ao verso livre modernista, mesmo porque as conquistas de 22 já estavam incorporadas à práxis literária de um Drummond, de um Murilo, de um Jorge de Lima. E o nosso maior leitor de poesia até 1945, Mário de Andrade, secundava com simpatia e lucidez a renovada

atenção ao trato da linguagem artística, sentindo nela ora o aprofundamento, ora a natural superação de certas aventuras modernistas. No entanto, apesar desses elos evidentes, alguns poetas amadurecidos durante a II Guerra Mundial entenderam isolar os cuidados métricos e a dicção nobre da sua própria poesia elevando-os a critério bastante para se contraporem à literatura de 22: assim nasceu a geração de 45. (BOSI, 1974, p.516)

Ou seja, para alguns críticos houve uma ruptura total com os preceitos do nosso Modernismo (CAMILO, 2010); já para outros, essa ruptura não procede (BOSI, 1974). Tal constatação corrobora os posicionamentos de Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet, que embora diverjam nesse ponto, não deixam de, ambos, tomar o Modernismo como único contraponto da Geração de 45, denominando-os de neomodernos e antimodernos, respectivamente.

Além disso, ainda como bem explica Alfredo Bosi:

O que caracteriza – e limita – o formalismo do grupo é a redução de todo o universo da linguagem lírica a algumas cadências *intencionalmente* estéticas que pretendem, por força de certas opções literárias, definir o poético, e, em consequência, o prosaico ou não-poético. Era fatal que a arte desses jovens corresse o risco de anemizar-se na medida em que confinava de maneira apriorística o poético a certos motivos, palavras-chave, mitemas, etc. Renovava-se assim, trinta anos depois, a *maneira* parnasiano-simbolista contra a qual reagira masculamente a *Semana*; mas renovava-se sob a égide da poesia existencial europeia de entre guerras, de filiação surrealista, o que lhe conferia um estatuto ambíguo de tradicionalismo e modernidade. (BOSI, 1974, p. 518)

Tomando como ponto de partida a *Antologia Poética da Geração de 45*, de Milton de Godoy Campos, travamos os primeiros contatos com os poetas dessa Geração. Encontramos Renata Pallottini, cuja poesia versa sobre temática introspectiva, existencial. Tal temática faz parte da obra de grande maioria dos poetas da Geração de 45, que revelam uma postura de recolhimento para o interior, de não tratar das problemáticas sociais da época e, assim, abordar apenas as suas angústias pessoais.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se efetiva por meio de estudo e revisão bibliográfica da teoria da lírica moderna, da teoria e das poéticas do Modernismo, do Parnasianismo e do Simbolismo (tanto em relação à Literatura Brasileira quanto em relação à Literatura Ocidental), assim como de textos críticos e teóricos sobre a “Geração de 45”. Além disso, utiliza-se da leitura e análise crítico-interpretativa da obra poética dos autores pertencentes à Geração de 45, nesse caso, especificamente, da obra de Renata Pallottini.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A poetisa Renata Pallottini fez parte da chamada Geração de 45, terceira fase do modernismo brasileiro ou, ainda, Geração Pós-moderna, cuja poesia

possui como principal característica a abordagem de temas absolutamente profundos, a respeito dos sentimentos humanos e de todas as dúvidas e angústias que permeiam a nossa existência. Como exemplo disto, podemos trazer o poema *Através da vida*, presente em *Obra Poética*, espécie de coletânea elaborada pela própria autora no ano de 1995. Esse poema aborda uma vida vazia, sem realizações e cheia de decepções, como comprovam os fragmentos que se seguem:

A mulher ao longo da vida
percebe que foi sendo usada
e que agora está no fim.
E que nunca recebeu um sim.
Os filhos que ali estão
estão ali porque estão.
Não tinham sido queridos
Tinham só acontecido.

Lendo esses versos podemos percebê-los carregados de remorsos de uma vida mal vivida, vazia, cujos acontecimentos não foram pensados ou desejados, mas apenas acontecidos.

Meus mortos

Que tristeza essa nossa
que tão pouco arrefece,
tão raramente passa...

...sozinha nesta casa
que só meus mortos pisam
como o estar só me pesa...

Muito mais com meus mortos
Estive, que com os vivos...
Que a terra seja leve

Definição

Não ser feliz,
não ser desesperado.
Lutar no campo da clareza,
saber que é inútil.
Amar com toda a força a cada vez,
em nome do Amor que não houve.

Em ambos os fragmentos, percebemos a temática interna, que trata de sentimentos próprios, das suas angústias pessoais. No primeiro, o eu lírico chora a morte de pessoas que, embora ele não expresse, percebemos que eram queridos e que continuam fazendo parte da sua vida. O segundo é uma espécie de devaneio sobre a vida.

Os poetas da Geração de 45, muitas vezes chamados de pós-modernos, possuíam uma preocupação inversa à dos poetas da Semana, uma preocupação baseada na liberdade de escrita. Muitos deles passaram a usar essa forma de escrita, inclusive Renata Pallottin, que usava em seus poemas palavras e expressões simples, sem muitos floreios e rebuscamentos. Vemos ainda algo extremamente inusitado em de seus poemas, algo que o cânone de 22 jamais

aceitaria. No poema *O anjo, o poema e o girassol*, escrito em meados de 1956, ela introduz em algumas partes do poema expressões em inglês. No primeiro verso, ela usa “excuse me” e no verso 27, quase no fim do poema, ela faz uso da expressão “return to me”. Essa postura pode ser interpretada como uma forma de renovação estética, tão pregada pela Geração de 45.

Outra característica marcante na poesia de 45 é a dissonância na construção do poema, causada pela existência de uma multiplicidade de significações, que gera uma diversidade de significados e interpretações. Um exemplo disso na obra de Renata Pallottini é o poema *Ainda restam...*:

Ainda restam as verdes folhas
a quem de nada mais espera
frias miragens. A quem caminha
por um sendeiro de areia dura
ainda restam as folhas claras
como a quem vive sempre lhe restam
campos da morte, campos de nada.

4. CONCLUSÕES

Buscou-se com este trabalho, ainda em fase inicial de realização, apurar características individuais da poesia de Renata Pallottini, poetisa pertencente à chamada Geração de 45. Enquadrada nas temáticas mais metafísicas, subjetivas e abstratas, carregadas de hermetismo e de complexa assimilação de seus significados, o que justificaria uma filiação de seus poemas à estética parnasiano-simbolista, a poesia de Pallottini vai além, apresentando elementos muito caros à lírica moderna estabelecida em nível mundial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1974.

CAMILO, Vagner. **Percalços da modernidade poética no Brasil**: sobre a reposição do poético na lírica do pós-guerra. Disponível em <http://www.iiligeorgetown2010.com/2/pdf/Camilo.pdf> Acessado em 31 jul 2016.

CAMPOS, Milton de Godoy. **Antologia Poética da Geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

FRIEDRICH, Hugo. **A estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

MELO NETO, João Cabral de. A Geração de 45. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Música popular e moderna poesia brasileira**. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

PALLOTTINI, Renata. **Obra poética**. São Paulo: Hucitec, 1995